

APÓS DOIS TRIMESTRES EM QUEDA, PIB DO AGRO REAGE NO 3º TRI, E RECUO ESPERADO PARA 2024 DIMINUIU PARA 2,49%

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), avançou 1,26% no terceiro trimestre de 2024, acumulando queda de 2,49% no ano (Tabelas 1 e 2).

Entre os segmentos do setor, ao comparar o segundo e o terceiro trimestres de 2024, verificou-se um avanço no PIB dos insumos (0,83%), do segmento primário (1,14%), das agroindústrias (1,60%) e dos agrosserviços (1,22%) – conforme indicado na Tabela 2. Os desempenhos desses segmentos no trimestre foram impulsionados pelo aumento do valor bruto da produção, que, por sua vez, foi principalmente influenciado pelos preços reais mais altos no período.

Do ponto de vista dos ramos do agronegócio, houve crescimento para o agrícola (1,27%) e para o pecuário (1,31%) no terceiro trimestre de 2024. No ramo agrícola, o PIB aumentou para a agroindústria (1,85%) e para os agrosserviços (1,64%) e apresentou avanço mais contido para insumos (0,43%) e para o primário (0,22%). No ramo pecuário, o PIB cresceu para insumos (1,99%), para o primário (3,02%) e para a agroindústria (0,91%) e apresentou avanço mais contido para os agrosserviços (0,45%) – ver Tabela 2.

No acumulado dos três primeiros trimestres do ano, conforme indicado na Tabela 1, houve uma retração de 4,04% no ramo agrícola, enquanto o ramo pecuário apresentou crescimento de 1,60%.

Tabela 1. PIB do Agronegócio: Taxa de variação acumulada no período (%)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	-7,24	-4,32	-0,67	-1,74	-2,49
Ramo agrícola	-10,69	-4,44	-2,32	-3,99	-4,04
Ramo pecuário	1,32	-4,07	6,00	4,15	1,60

Fonte: Cepea/USP e CNA

Tabela 2. PIB do Agronegócio: Taxa de variação trimestral (%)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	0,83	1,14	1,60	1,22	1,26
Ramo agrícola	0,43	0,22	1,85	1,64	1,27
Ramo pecuário	1,99	3,02	0,91	0,45	1,31

Fonte: Cepea/USP e CNA

O segmento de insumos apresentou uma retração de 7,24% nos primeiros nove meses do ano em relação ao mesmo período de 2023, impactado principalmente pela queda de 10,69% nos insumos agrícolas, apesar do avanço de 1,32% observado nos insumos pecuários. No caso dos insumos agrícolas, a redução no PIB foi influenciada pelos desempenhos das indústrias de fertilizantes, defensivos e máquinas agrícolas, que enfrentaram pressões devido à queda tanto nas cotações quanto na produção, como

observado nos setores de fertilizantes e máquinas agrícolas. Em contrapartida, o crescimento dos insumos pecuários foi impulsionado pela evolução nas indústrias de rações e medicamentos para animais, refletindo as perspectivas de maior produção ao longo do ano.

No segmento primário, houve uma retração de 4,32% na comparação entre janeiro a setembro de 2023 e de 2024. No primário agrícola, a redução de 4,44% no PIB foi influenciada pela queda nos preços e pelas perspectivas de menor produção para a safra de 2024 de produtos agrícolas de destaque, como milho, soja e trigo. Já no setor primário pecuário, a diminuição de 4,07% no PIB refletiu a expectativa de menor valor de produção no ano. Essa redução no valor da produção deve-se principalmente aos preços mais baixos em comparação com os nove primeiros meses de 2023, apesar da projeção de aumento na produção para todas as atividades pecuárias monitoradas, com exceção do frango de corte.

O PIB do segmento agroindustrial registrou queda de 0,67% nos primeiros três trimestres de 2024, resultado da retração nas agroindústrias de base agrícola (-2,32%), apesar do crescimento nas de base pecuária (6,00%). Na indústria agrícola, mesmo com a projeção de aumento na produção, o PIB apresentou redução, influenciado principalmente pela queda no valor da produção esperado para o ano, reflexo dos preços reais mais baixos, com destaque negativo para os biocombustíveis e os óleos vegetais. Em contraste, o PIB da indústria pecuária cresceu devido à projeção de expansão da produção no ano, compensando o impacto da queda nos preços.

Por fim, os agrosserviços apresentaram uma retração de 1,74% nos primeiros nove meses de 2024, refletindo a queda nos agrosserviços de base agrícola (-3,99%), apesar do crescimento de 4,15% nos agrosserviços de base pecuária. No ramo agrícola, a queda no período reflete os desempenhos observados nos demais segmentos. Já no ramo pecuário, o crescimento acumulado foi impulsionado pela maior produção esperada para o ano nos segmentos a montante, tanto dentro quanto fora da porteira.

Com base nos desempenhos do agronegócio, seus ramos e segmentos ao longo dos três primeiros trimestres, a Tabela 3 apresenta as estimativas dos valores anuais do PIB para 2024. Nesse cenário, o PIB do agronegócio brasileiro pode atingir R\$ 2,58 trilhões em 2024, dos quais R\$ 1,84 trilhão correspondem ao ramo agrícola e R\$ 744,02 bilhões ao ramo pecuário (a preços do terceiro trimestre de 2024). Considerando essa projeção e o desempenho do PIB brasileiro no período, estima-se que a participação do setor na economia seja de aproximadamente 22,0% em 2024, abaixo dos 23,5% registrados em 2023.

Tabela 3. PIB do Agronegócio, seus ramos e segmentos (em R\$ milhões do terceiro trimestre de 2024*) – observado para 2023 e estimativas para 2024 com base em informações até setembro

		PIB (em R\$ milhões reais*)	
		2023	2024*
Agronegócio	Insumos	151.439	136.992
	Primário	720.343	679.184
	Agroindústria	633.237	627.550
	Agrosserviços	1.166.358	1.139.415
	Total agronegócio	2.671.378	2.583.141
Ramo agrícola	Insumos	108.644	93.443
	Primário	478.949	450.788
	Agroindústria	509.107	493.395
	Agrosserviços	846.262	801.499
	Total ramo agrícola	1.942.961	1.839.125
Ramo pecuário	Insumos	42.795	43.549
	Primário	241.395	228.396
	Agroindústria	124.131	134.155
	Agrosserviços	320.096	337.915
	Total ramo pecuário	728.417	744.016

Fonte: Cepea/USP e CNA. * Valores deflacionados pelo deflator implícito do PIB.

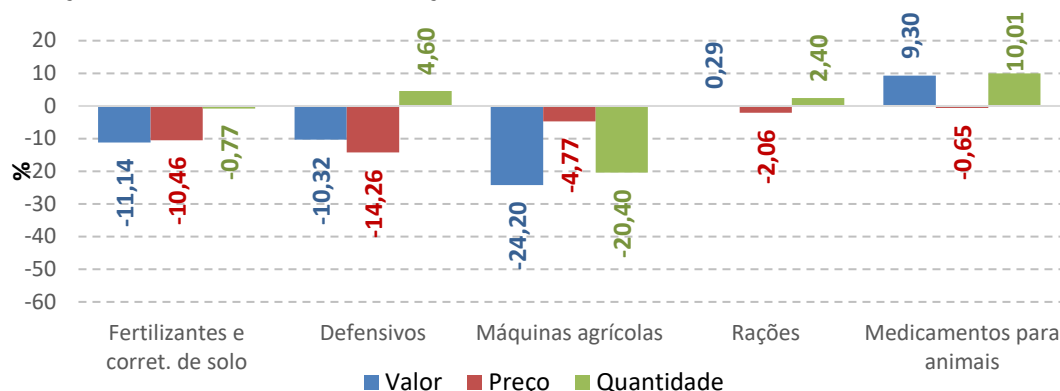
SEGMENTO DE INSUMOS: Após sucessivas quedas, PIB do segmento avança no terceiro trimestre

No terceiro trimestre de 2024, o PIB do segmento de insumos do agronegócio registrou um crescimento de 0,83% (Tabela 2). Entretanto, no acumulado do ano, o setor apresentou uma queda de 7,24% (Tabela 1). O crescimento observado no trimestre foi impulsionado pelo avanço nas indústrias de base agrícola, enquanto as indústrias de base pecuária registraram retração, conforme ilustrado na Figura 1.

A projeção para a indústria de fertilizantes e corretivos do solo aponta uma redução de 11,14% no valor bruto da produção anual. Esse resultado decorre de uma queda de 10,46% nos preços reais dos produtos, ao comparar as médias de janeiro a setembro de 2024 com as do mesmo período de 2023, além de uma retração esperada de 0,77% na produção anual. Durante a primeira metade de 2024, os preços dos fertilizantes mantiveram-se relativamente estáveis. Contudo, a partir de julho, foi observado um aumento nos preços em nível global, atribuído tanto à alta nos custos de matérias-primas, como enxofre e petróleo, quanto à oferta limitada de fosfato monoamônico (MAP). No cenário doméstico, destaca-se a influência da desvalorização do Real frente ao dólar, o que pressionou as cotações dos principais fertilizantes no Brasil e reduziu o poder de compra dos agricultores. Desde o final de 2021, as oscilações nos preços dos fertilizantes têm sido atribuídas a eventos externos, como os conflitos na Ucrânia, aumento nos preços do petróleo, elevação dos custos de frete e ampliação dos prazos de entrega, além de fatores internos, como a taxa de câmbio. Esses

elementos, juntamente daqueles inerentes à propriedade rural, precisam ser monitorados para fins de planejamento das safras seguintes.

Figura 1. Insumos: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção – 2024/2023 com informações até setembro



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, IEA, Anda e Sindicatos).

No caso da indústria de defensivos, espera-se queda de 10,32% no valor bruto da produção anual, em razão da queda de 14,26% dos preços reais, na comparação entre períodos iguais. Para a produção, espera-se crescimento de 4,60% em 2024. Apesar da queda dos preços, que pressiona o desempenho geral da atividade, a expansão da oferta de defensivos reflete o aumento da área tratada no Brasil, impulsionada principalmente pelas culturas de soja, milho e algodão. Nesses casos, o emprego de defensivos foi especialmente importante para fazer frente ao avanço de pragas como a cigarrinha, a mosca branca, a lagarta e o bicudo, conforme aponta o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para a Defesa Vegetal (Sindiveg),

Para a indústria de máquinas agrícolas, projeta-se queda de 24,20% do valor bruto de produção anual, influenciada pela baixa de 3,81% nos preços reais entre períodos iguais e, principalmente, pela redução esperada de 20,40% na produção anual. De acordo com a Abimaq, o resultado para a indústria, que se reflete nas vendas, está atrelado à queda dos preços de *commodities*, especialmente os da soja; estabilidade na área de plantio, após forte expansão observada nos últimos anos; e estiagem na maior parte das áreas produtoras. Cabe ressaltar, ainda, o elevado patamar da taxa de juros, que refreia os investimentos, haja vista a importância do crédito para a aquisição das máquinas.

A projeção para a indústria de rações aponta um leve avanço de 0,29% no valor bruto da produção anual, reflexo da combinação entre uma retração de 2,06% nos preços reais na comparação entre períodos iguais e uma expectativa de aumento de 2,40% na produção anual. A queda nos preços está relacionada à desvalorização de *commodities* como soja e milho, que são ingredientes empregados na composição de rações. Por outro lado, essa redução nos custos beneficia o agricultor, que ganha maior poder de compra frente a esses insumos.

O desempenho das atividades do segmento de insumos está diretamente ligado ao setor primário, cuja análise detalhada será apresentada a seguir. No caso dos insumos agrícolas, observou-se uma queda nos preços reais, sugerindo uma possível redução nos custos de produção para os agricultores e, de forma geral, uma melhora nas relações de troca. Contudo, é necessário considerar o impacto do desempenho das culturas, que têm

enfrentado quedas expressivas nos preços. Quanto aos insumos pecuários, especialmente as rações para animais, a redução nos preços pode trazer algum alívio às margens dos pecuaristas, particularmente para aqueles que vêm enfrentando altos custos de alimentação animal há um longo período.

SEGMENTO PRIMÁRIO: A redução nos preços continua impactando os PIBs dos ramos agrícola e pecuário em 2024

O PIB do segmento primário do agronegócio avançou 1,14% no terceiro trimestre de 2024, acumulando queda de 4,32% nos nove primeiros meses do ano. Esse resultado reflete o que se observa para o segmento primário agrícola: estabilidade de 0,22% no terceiro trimestre, resultando em queda acumulada de 4,44% no período; e para o segmento primário pecuário, avanço de 3,02% no terceiro trimestre, acumulando recuo de 4,07% na parcial do ano (Tabelas 1 e 2).

No ramo agrícola, embora tenha ocorrido uma redução nos custos com insumos devido à queda nos preços de fertilizantes, defensivos e sementes, os menores preços de comercialização e a redução esperada na produção de importantes culturas pressionaram negativamente o desempenho do PIB. No ramo pecuário, projeta-se um aumento na produção e, conseqüentemente, na oferta de produtos. No entanto, a queda nos preços tem exercido pressão sobre o valor bruto da produção estimado.

Especificamente no segmento primário agrícola, considerando a média ponderada das culturas monitoradas, espera-se uma queda de 7,36% no valor bruto da produção anual. Esse resultado reflete uma redução média de 3,43% nos preços durante os primeiros nove meses de 2024, em comparação ao mesmo período de 2023, e uma diminuição esperada de 4,07% na produção. As principais retrações de preços foram observadas em culturas como algodão, milho, soja e trigo. Em relação à produção, as maiores quedas são esperadas para milho e soja. De forma geral, os preços dos hortifrutícolas apresentaram alta, enquanto os grãos, que possuem maior peso na formação do PIB, registraram queda.

No segmento primário pecuário, também considerando a média ponderada das atividades acompanhadas, prevê-se estabilidade no valor bruto da produção anual, com uma ligeira redução de 0,15%. Nos primeiros nove meses de 2024, os preços médios foram 9,24% inferiores aos observados no mesmo período de 2023, pressionados principalmente pela bovinocultura (de corte e leite) e pelos ovos. Por outro lado, a produção pecuária apresentou crescimento médio ponderado de 10,01%, com destaque para os avanços na bovinocultura (de corte e leite), avicultura de corte e postura. Em contrapartida, espera-se estabilidade na produção de suínos em relação a 2023.

A Tabela 4 detalha os resultados específicos do segmento por atividades agrícolas. Entre as culturas do segmento primário agrícola acompanhadas pelo Cepea, espera-se crescimento do valor bruto da produção em 2024 para: algodão, arroz, banana, batata, cacau, café, laranja, tomate, uva e madeira para celulose. Já as culturas para as quais se espera queda no valor bruto da produção são: cana-de-açúcar, feijão, fumo, mandioca, milho, soja, trigo, madeira em tora e lenha/carvão.

Com relação à cultura do algodão, o crescimento do valor bruto da produção anual esperado (2,11%) decorre da maior produção em 2024 (15,76%) visto os menores preços reais do produto (-11,79%), na comparação entre janeiro a setembro de 2023 e de 2024. De acordo com a Conab, a produção de algodão alcançou recorde histórico devido à expansão das áreas cultivadas visto o menor rendimento da cultura, causada pela irregularidade das chuvas e por instabilidade climática em alguns estados produtores no final de 2023. A

Companhia ressalta que a boa rentabilidade do algodão e as condições climáticas favoráveis incentivaram os produtores a investirem mais na cultura. Adicionalmente, apesar de uma leve queda na produtividade em relação à safra anterior devido a fatores climáticos, o Brasil mantém uma das melhores produtividades globais, impulsionada por tecnologias avançadas de sementes, plantio e manejo, além do rigoroso controle fitossanitário em todas as etapas da produção. Segundo a equipe Algodão/Cepea, houve avanço das cotações ao longo do primeiro trimestre de 2024, embora os patamares tenham sido inferiores aos do primeiro trimestre de 2023. Os preços foram impulsionados pelas significativas valorizações externas e pela ativa demanda interna. A equipe do Cepea ressalta que o considerável excedente brasileiro pode posicionar o Brasil como o maior exportador mundial de algodão em pluma. No segundo trimestre, as cotações do algodão recuaram devido à queda nos preços internacionais e à maior flexibilidade de alguns vendedores. No mercado externo, os preços foram pressionados pela expectativa de uma boa safra nos Estados Unidos, beneficiada pelas chuvas, pela demanda global enfraquecida, pela redução nos preços do petróleo, pela inflação elevada e pelas altas taxas de juros. Internamente, os vendedores ajustaram suas estratégias em função das desvalorizações externas, dos estoques de passagem elevados, da previsão de outra safra robusta e da necessidade de liquidar o saldo remanescente da temporada 2022/23. Embora algumas indústrias tenham ofertado valores mais baixos no mercado *spot*, intensificando a pressão, a postura firme de parte dos vendedores e o pagamento de preços maiores por pluma de qualidade superior por alguns compradores ajudaram a conter quedas mais acentuadas. Entretanto, no terceiro trimestre os preços do algodão voltaram a crescer. Esse aumento foi sustentado pela oferta limitada no mercado *spot* nacional, pelo avanço nos preços internacionais e pela paridade de exportação. A posição firme de muitos vendedores também contribuiu para esse cenário, com foco no cumprimento de contratos a termo tanto para o mercado interno quanto para exportação.

Na cultura do arroz, o crescimento esperado do valor bruto da produção (30,31%) está relacionado ao aumento das cotações do produto (23,49%) entre janeiro a setembro de 2023 e 2024 e à maior produção (5,52%). Segundo a Conab, o aumento na produção de arroz foi impulsionado pela expansão da área cultivada, tanto no sistema de sequeiro quanto no irrigado. Esse crescimento foi mais evidente em regiões como Mato Grosso (sequeiro) e nos sistemas irrigados de Tocantins, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul. No caso do Rio Grande do Sul, embora a região tenha enfrentado calamidades como inundações, alagamentos e enxurradas, a colheita já estava praticamente concluída, e as lavouras semeadas dentro do período recomendado apresentaram produtividade significativamente acima da média. Além disso, a Emater/RS relatou que as intensas chuvas interromperam frequentemente a colheita, resultando em acamamento e extensas inundações. O impacto foi ainda mais severo em áreas onde o cereal já estava maduro há semanas, comprometendo a qualidade dos grãos devido aos repetidos ciclos de umedecimento e secagem. Conforme a equipe Arroz/Cepea, os preços do arroz tiveram forte elevação em 2023, especialmente no segundo semestre, sustentados pela redução dos estoques de passagem. No entanto, no primeiro trimestre de 2024, as cotações apresentaram trajetória de queda significativa, influenciadas pela sazonalidade da oferta, pela colheita em andamento nas principais regiões produtoras do Mercosul e pela demanda retraída. A partir de abril, os preços avançaram, apesar do ritmo lento dos negócios, devido ao cenário incerto e à ausência de vários agentes do mercado por conta da diferença de preços entre compradores e vendedores e entre as diferentes regiões acompanhadas pelo Cepea. Em junho, a demanda internacional aquecida manteve os preços firmes, mas a menor saída de arroz beneficiado para grandes centros nacionais limitou a liquidez e os aumentos

nos valores da matéria-prima. A equipe do Cepea destaca que as tempestades no Rio Grande do Sul, com fortes chuvas e inundações, interromperam as negociações de arroz em casca ao dificultar a logística de escoamento, gerando preocupações e adiando novos acordos. Essas condições também afetaram o carregamento de matéria-prima, agravando a situação. No terceiro trimestre de 2024, os preços do arroz mantiveram a tendências de alta. Em julho, os preços subiram impulsionados pela maior demanda de *tradings* para exportação e pela desvalorização do real frente ao dólar, com compradores ajustando ofertas para atrair vendedores. Em agosto, o mercado registrou baixa liquidez e desafios significativos, principalmente devido às intensas chuvas que dificultaram o transporte do grão e a continuidade da semeadura. Houve forte disputa entre compradores e vendedores; produtores restringiram ofertas aguardando preços mais altos, enquanto as indústrias enfrentaram dificuldades com os valores elevados pedidos. Em setembro, a baixa liquidez persistiu, agravada por intensas chuvas que dificultaram o transporte e a semeadura. A valorização do Real frente ao dólar desmotivou produtores, que reduziram as ofertas no mercado *spot*, priorizando o plantio da nova safra, enquanto indústrias relataram dificuldades para escoar o arroz beneficiado.

No caso da banana, o avanço projetado para o valor bruto da produção real (7,83%) é explicado pelos maiores preços reais (7,97%) na comparação entre períodos iguais, visto a estabilidade na produção esperada para 2024 (-0,13%). De acordo com a equipe Hortifrúti/Cepea, a diminuição da oferta de banana nas principais regiões produtoras monitoradas pelo Centro resultou em aumento nas cotações no primeiro trimestre de 2024. As altas temperaturas no final do ano passado e os ventos fortes que danificaram parte dos bananais no Vale do Ribeira (SP) – um dos maiores produtores – levaram à queda de alguns pés. Entretanto, no segundo trimestre, as cotações foram pressionadas pela maior oferta, com o volume disponível elevado no período. A equipe também destacou que a safra deste ano está controlada, devido ao impacto do clima adverso. No terceiro trimestre, os preços voltaram a subir devido à menor oferta da fruta, já que as regiões produtoras, sendo de sequeiro, foram impactadas pela seca.

Quanto à batata, projeta-se uma expansão no valor bruto da produção real em 102,31%, atribuída aos preços reais mais elevados (91,82%) ao comparar os períodos de janeiro a setembro de 2023 e 2024, e à maior produção esperada para 2024 (5,47%). De acordo com a equipe Hortifrúti/Cepea, houve tendência de queda nos preços no primeiro trimestre de 2024, devido ao aumento da área de colheita e à maior oferta no período. Paralelamente, a produtividade das plantações melhorou progressivamente no trimestre, beneficiada pelas condições climáticas durante o período de crescimento. Apesar do aumento da produção, as altas temperaturas em março afetaram a qualidade dos tubérculos, reforçando a pressão sobre os preços. No segundo trimestre, os preços apresentam movimentos de alta e permaneceram em patamares elevados, resultado direto da queda na oferta nacional. A menor disponibilidade é atribuída à finalização das colheitas nas regiões produtoras da safra das águas e ao volume ainda baixo das secas. A equipe do Cepea ainda ressalta que: i) o Paraná teve quebra de safra em decorrência do calor intenso e de chuvas irregulares; ii) no Rio Grande do Sul, desastres climáticos atrasaram a colheita em maio, agravando a escassez e aumentando o valor do tubérculo; iii) outras regiões produtoras colheram menos do que o esperado. No terceiro trimestre, no entanto, as cotações foram pressionadas devido ao avanço da safra de inverno em Vargem Grande do Sul (SP) e à intensificação da colheita no Cerrado Mineiro, em Cristalina (GO) e no Sudoeste Paulista.

Na cultura do café, espera-se expansão no valor bruto da produção, de 21,50%, impulsionada por um crescimento de 22,12% nos preços reais, na comparação entre janeiro

a setembro de 2023 e 2024, visto a estabilidade na produção esperada para 2024 (-0,51%). De acordo com a Conab, a estabilidade na produção de café reflete movimentos opostos no cultivo das variedades arábica e conilon. A produção de arábica aumentou devido à expansão da área em produção. Em contraste, o conilon registrou redução tanto na área cultivada quanto na produtividade, mesmo em um ano de bienalidade positiva. No caso do robusta, a colheita de 2023/24 no Espírito Santo, maior produtor da variedade no Brasil, não atingiu resultados satisfatórios, e o desenvolvimento da safra 2024/25 enfrenta desafios climáticos significativos. No que diz respeito aos preços, a equipe Café/Cepea destaca que eles apresentaram trajetória de alta nos primeiros nove meses de 2024. Nos primeiros três meses, o movimento foi impulsionado pela iminência da colheita da safra 2024/25 e especulações sobre a produção e os estoques mundiais. A elevada demanda internacional pelo robusta, causada por problemas na safra vietnamita e pelos ataques a navios no Mar Vermelho, reforçou o aumento dos preços no Brasil. No segundo trimestre, as cotações seguiram em alta. Para o arábica, o câmbio, as preocupações com os estoques globais, a possibilidade de menor oferta mundial e as valorizações do robusta foram os principais fatores de sustentação. O robusta, por sua vez, manteve seu movimento de alta desde o último trimestre de 2023, impulsionado pela forte demanda internacional. Apesar do avanço da colheita no Brasil, que poderia pressionar os preços, a expectativa de menor oferta na Ásia sustentou os valores em patamares recordes reais. No terceiro trimestre de 2024, os preços do café arábica e robusta continuaram a trajetória de alta. Em julho, o arábica teve aumento na média de preços, com alta volatilidade, influenciado pela desvalorização do Real frente ao dólar e pelas preocupações com a safra do robusta no Vietnã. Em agosto, o robusta ultrapassou o arábica em valor devido à oferta global restrita, resultado das adversidades climáticas no Vietnã e da baixa umidade no Espírito Santo. Em setembro, a sustentação foi proporcionada pela oferta global limitada e pela prolongada seca no Brasil, que intensificaram o déficit hídrico, impactando o desenvolvimento da safra 2025/26 de ambas as variedades.

No caso da laranja, o aumento previsto no valor bruto da produção (43,97%) reflete as elevações nas cotações do produto em períodos comparáveis (69,26%), enquanto se projeta uma redução na produção anual (-14,94%). Segundo a equipe Hortifrúti/Cepea, os preços elevados resultam tanto da limitada oferta quanto da alta demanda no primeiro trimestre. Durante esse período, além do processamento industrial consumir uma grande parte do volume de frutas disponíveis, era o momento de “entressafra”. A equipe salienta que, a partir de fevereiro, a combinação de disponibilidade reduzida e preços altos incentivou alguns produtores a começarem a colheita precoce, visando atender às necessidades do mercado. Em abril, os preços caíram devido ao aumento no volume de variedades precoces, à intensificação da colheita da tangerina poncã e ao menor consumo, já que as temperaturas ficaram mais amenas em relação aos meses anteriores. Nos meses seguintes, os preços voltaram a subir por causa da previsão de colheita menor e da alta demanda das fábricas (aumentando a competição entre as processadoras e o mercado). No terceiro trimestre do ano, as cotações da laranja atingiram novos recordes, impulsionadas principalmente pela oferta limitada da safra 2023/24, em um momento de demanda industrial aquecida. A equipe destacou que, mesmo com a menor demanda em alguns períodos, devido às baixas temperaturas, os preços não foram pressionados. Além disso, a seca nas principais regiões produtoras tem prejudicado a qualidade da fruta.

Para o tomate, projeta-se crescimento de 9,47% no valor bruto da produção com base nas informações até setembro. Esse aumento deve-se aos preços reais, que estavam 1,14% mais elevados em relação ao mesmo período do ano anterior, além de uma previsão

de elevação de 8,24% na produção anual. Segundo a equipe Hortifrúti/Cepea, no primeiro trimestre do ano, os preços foram impulsionados pela menor oferta – temperaturas médias mais baixas reduziram o ritmo de maturação –, por conta de produtividades abaixo do potencial em algumas regiões – devido ao excesso de chuvas entre setembro e novembro/23. No segundo trimestre, os preços permaneceram elevados, sustentados pelo fim da safra de verão e pela baixa produtividade da safra de inverno, apesar de sua intensificação. A equipe do Cepea destaca que os produtores enfrentam desafios com a produção, devido à infestação da mosca-branca, que foi influenciada pelo clima seco e altas temperaturas. A praga tem migrado entre culturas, e a expansão significativa da área de soja nos últimos anos impediu a interrupção de seu ciclo, resultando no aumento da população. A mosca-branca, que, no passado, causou grandes prejuízos à tomaticultura e havia deixado de ser um problema relevante, voltou a preocupar. Além disso, as fortes chuvas no Rio Grande do Sul na transição de abril para maio afetaram as lavouras de tomate, com inundações e contaminação por bactérias. No terceiro trimestre, as cotações recuaram devido ao aumento da oferta, impulsionado por três fatores destacados pela equipe: as temperaturas acima da média, que aceleraram a maturação dos frutos; o significativo aumento da produtividade em algumas regiões produtoras; e o período de pico de safra em importantes áreas de produção.

Tabela 4. Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção – 2024/2023 com informações até setembro

	Valor	Preço	Quantidade
Algodão	2,11	-11,79	15,76
Arroz	30,31	23,49	5,52
Banana	7,83	7,97	-0,13
Batata	102,31	91,82	5,47
Cacau	169,36	179,63	-3,67
Café	21,50	22,12	-0,51
Cana	-9,16	-4,54	-4,84
Feijão	-5,71	-11,74	6,82
Fumo	-10,90	-1,37	-9,66
Laranja	43,97	69,26	-14,94
Mandioca	-43,20	-42,36	-1,47
Milho	-20,83	-9,75	-12,28
Soja	-19,89	-16,15	-4,46
Tomate	9,47	1,14	8,24
Trigo	-8,02	-8,14	0,13
Uva	1,83	19,94	-15,10
Madeira tora*	-0,36	4,01	-4,20
Madeira p/ Celulose	12,98	10,54	2,20
Lenha/carvão	-9,43	-6,04	-3,60

Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, Cepea, Seagri/BA, Epagri, Consecana).

No caso da cana-de-açúcar, a menor produção projetada para 2024 (-4,84%) e a redução nos preços (-4,54%), na comparação entre janeiro a setembro de 2024 frente ao mesmo período de 2023, explicam a queda do valor bruto da produção esperado (-9,16%) para o ano. Segundo a Conab, a queda prevista na produção para a safra 2024/25 é atribuída

à expectativa de menor produtividade em várias regiões, causada por condições climáticas adversas, como falta de chuvas e calor extremo. Apesar disso, estima-se um aumento na área colhida em relação ao ciclo anterior, devido à entrada em produção de áreas que estavam em renovação no último ciclo. Embora a produção total de cana seja menor, a Companhia ressalta que a oferta no mercado deve se manter estável graças aos estoques elevados nas usinas, acumulados após a safra recorde anterior. Com relação aos preços da cana, a queda deve refletir as reduções observadas para o açúcar e para os biocombustíveis, conforme será discutido na seção desse relatório sobre a agroindústria.

Em relação ao milho, a projeção de diminuição de 20,83% no valor bruto da produção é consequência da queda de 9,75% nos preços reais, quando comparados os primeiros nove meses de 2024 e de 2023, e da redução de 12,28% na produção anual esperada. De acordo com a Conab, a menor produção está atrelada à redução da área cultivada, especialmente na segunda safra, e à menor produtividade. Na primeira e na segunda safras, a maioria dos estados produtores apresentou produtividades inferiores às do ciclo anterior, devido a condições climáticas adversas que comprometeram o potencial produtivo das culturas. Na primeira safra, destacaram-se o Rio Grande do Sul, com significativa recuperação de produtividade, e os estados da região Norte, que registraram aumentos nos rendimentos. Já na segunda safra, a produtividade variou conforme o pacote técnico adotado e a época de plantio. Áreas plantadas dentro da janela ideal, de janeiro a meados de fevereiro, tiveram produtividades satisfatórias, superando as da safra anterior devido à regularidade das chuvas. Contudo, estados como Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul enfrentaram perdas causadas por veranicos, altas temperaturas e ataques de pragas em março e abril, afetando o potencial produtivo. Além disso, houve redução da área plantada, em função dos altos custos de produção e da queda nos preços do grão, levando à migração para culturas mais rentáveis, como a soja na primeira safra. Para a terceira safra, projeta-se um aumento na produção, impulsionado pela maior área cultivada e pelo incremento nas produtividades, favorecido pela distribuição regular de chuvas que beneficiou o desenvolvimento da cultura na maioria das regiões produtoras. No que diz respeito aos preços, a equipe Milho/Cepea indica que eles apresentaram dinâmicas distintas ao longo de 2024. No primeiro trimestre, registraram queda, refletindo margens reduzidas, incertezas sobre o impacto do El Niño e baixa movimentação no mercado, com compradores retraídos e vendedores focados nas atividades de campo. No segundo trimestre, os preços foram pressionados pela demanda enfraquecida, avanço da colheita da safra de verão, bom desenvolvimento da segunda safra e estimativas de alta produção mundial, enquanto preocupações climáticas no Brasil e nos Estados Unidos limitaram quedas mais acentuadas. No terceiro trimestre, as cotações voltaram a subir, impulsionadas pela retração de vendedores e pela desvalorização do Real frente ao dólar, que aqueceu as exportações, embora o baixo ritmo de exportações brasileiras e o avanço da colheita nos Estados Unidos tenham moderado os ganhos. No mercado externo, as cotações recuaram ao longo do período, mas recuperaram-se em setembro devido a alertas climáticos no Brasil, Argentina e Estados Unidos, que ameaçaram a qualidade das safras.

Para a soja, a redução projetada no valor bruto da produção é de 19,89%, o que resultou da produção 4,46% menor e da queda nos preços reais de 16,15% na comparação entre janeiro a setembro de 2023 e de 2024. Segundo a Conab, a redução na produção é atribuída à queda na produtividade, resultante de condições climáticas desfavoráveis durante o período de plantio e crescimento da cultura, marcada pela irregularidade das chuvas, apesar do aumento na área cultivada. No que se refere aos preços, a equipe Soja/Cepea destaca que, até fevereiro, mesmo com problemas climáticos em diversas

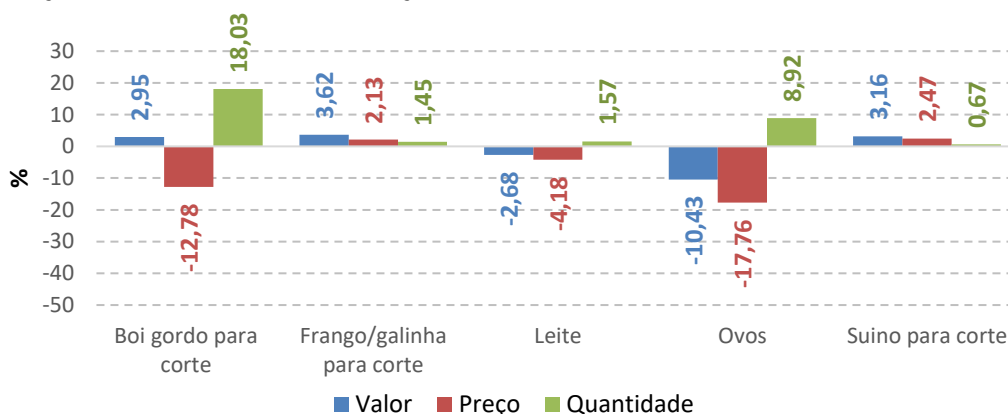
regiões do Brasil e com produção nacional abaixo do inicialmente estimado, a oferta ainda superou a demanda, pressionando os preços. A disponibilidade da soja não estava tão restrita, e houve um volume baixo de soja comprometida com vendas futuras. No entanto, em março, o aumento da demanda levou a um maior volume de negociações envolvendo a soja, elevando os preços. No segundo trimestre, as cotações mantiveram o comportamento altista, impulsionadas pelas maiores demandas doméstica e externa, pela valorização externa, pela alta nos prêmios de exportação e pela desvalorização do Real frente ao Dólar. No terceiro trimestre, embora a média dos preços seja superior ao do trimestre anterior, os preços da soja oscilaram. Em julho, prevaleceram baixas devido à elevada oferta da safra 2023/24 na América do Sul e às expectativas de uma safra volumosa no Hemisfério Norte. Apesar disso, a volatilidade cambial e a retração de sojicultores brasileiros limitaram as quedas. Em agosto, os preços caíram na primeira quinzena, refletindo as expectativas de maior oferta global, mas recuperaram parte das perdas na segunda metade do mês, com o aquecimento da demanda chinesa e a resistência dos produtores em negociar o remanescente da safra. Em setembro, os preços subiram no mercado doméstico, sustentados pela demanda aquecida, principalmente de indústrias esmagadoras, e pela cautela dos produtores em negociar, diante de chuvas irregulares no início das atividades de campo da nova safra. No mercado externo, as cotações recuaram em julho devido à baixa demanda nos EUA e às condições climáticas favoráveis às lavouras da safra 2024/25 – esse movimento refletiu as projeções de safra recorde nos EUA. Posteriormente, os preços externos subiram, impulsionados pela firme demanda internacional, pela baixa pluviometria no Brasil e pelas chuvas no Meio-Oeste dos EUA, que limitaram as atividades de campo no Hemisfério Norte.

Para o trigo, a redução dos preços na comparação entre janeiro a setembro de 2023 e de 2024 (-8,14%) explica a projeção de queda do valor bruto da produção (-8,02%). A produção deve permanecer estável, com leve alta de 0,13%, impulsionada pela expectativa de maior produtividade, apesar da redução na área cultivada. Segundo a Conab e pesquisadores do Cepea, após um crescimento superior a 70% entre 2019 e 2023, a área de cultivo diminuiu, refletindo os menores preços do cereal em comparação a 2023, as incertezas climáticas, os altos custos de produção e as limitações do seguro agrícola, que permanece caro e com cobertura insuficiente. Com relação aos preços, a equipe Trigo/Cepea destaca que, embora os dados oficiais apontem produção mundial de trigo na safra 2023/24 inferior à demanda, houve tendência de queda nas cotações internas e externas do grão no primeiro trimestre do ano. As transações no Brasil foram, em sua maioria, pontuais nesse período, uma vez que os produtores estavam concentrados na safra de verão e os compradores procuravam trigo de alta qualidade. Segundo a equipe do Cepea, houve forte aumento nas importações brasileiras de trigo no primeiro trimestre do ano. Isso ocorreu porque, apesar de muitos operadores de moinhos estarem bem abastecidos, os compradores ativos no mercado spot procuraram trigo de qualidade superior, que estava escasso no mercado interno devido ao clima adverso que afetou a safra nacional. Como consequência, os demandantes acabaram comprando o cereal de outros países, principalmente do Mercosul. No segundo trimestre, os preços do trigo se mantiveram firmes no Brasil, sustentados pelos menores estoques. Em 2024, além da menor disponibilidade doméstica, os valores do cereal foram influenciados também pela retração de produtores, pela elevação da paridade de importação e pelo ambiente externo – os estoques mundiais da safra 2024/25 tendem a cair pelo terceiro ano consecutivo. A equipe do Cepea destaca que, em certos períodos, as vendas fracas das farinhas de trigo no Brasil restringiram o aumento dos preços da matéria-prima. No terceiro trimestre do ano, os preços do trigo no mercado brasileiro

apresentaram variações significativas. Em julho, houve forte alta, impulsionada pela demanda por trigo de qualidade superior e pelos estoques limitados durante a entressafra, apesar da disparidade entre os valores de compra e venda. A partir de agosto, com a entrada de lotes da nova safra, o avanço da colheita de 2024/25 e os estoques elevados nos moinhos, os preços enfraqueceram, refletindo o menor interesse dos moinhos devido à qualidade abaixo do esperado, aos estoques elevados, à oferta de valores mais baixos por parte dos vendedores e à baixa liquidez no mercado de farinhas de trigo.

Na Figura 2 constam as dinâmicas observadas para o segmento primário do ramo da pecuária. Considerados dados até setembro, as projeções indicam variações positivas para a bovinocultura para corte, avicultura para corte, avicultura de postura e suinocultura. A seguir, apresentam-se as análises detalhadas de cada atividade do segmento.

Figura 2. Pecuária: Variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2024/2023 com informações até setembro



Fonte: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do Cepea e IBGE).

A projeção para a bovinocultura de corte indica aumento de 2,95% do valor bruto da produção anual – revertendo a retração prevista na projeção anterior. O resultado reflete a expansão de 18,03% da produção anual esperada, visto que, na comparação entre períodos iguais, os preços reais estão 12,78% menores. A recuperação das quedas das cotações pecuárias, que se iniciou em julho, tomou força em setembro, quando a reação dos preços foi suficiente para cobrir as perdas observadas ao longo do primeiro semestre. O movimento se deveu à combinação de seca prolongada e altas temperaturas, que contribuíram para a intensificação dos focos de incêndio, especialmente na Amazônia, no Cerrado e no Pantanal. Com isso, a oferta de animais no mercado spot se reduziu significativamente, fazendo com que, ao se deparar com uma demanda doméstica e externa aquecidas, as cotações tivessem forte reação. Do lado da oferta, os dados corroboram a projeção, já apontada em relatórios anteriores, de importante aumento da produção anual, resultante do ciclo pecuário, que atingiu seu auge com o descarte de fêmeas.

Na bovinocultura leiteira, a projeção aponta uma redução de 2,68% no valor bruto da produção anual, refletindo a queda de 4,18% nos preços reais na comparação entre períodos iguais, apesar de um esperado aumento de 1,57% na produção anual. Embora o movimento de queda persista, diferentemente da reversão observada na bovinocultura de corte, a nova projeção apresenta uma redução menor em relação ao trimestre anterior, impulsionada pela retração da oferta de leite no campo e a consequente reação dos preços. Segundo a equipe Leite/Cepea, a inflexão nos preços é consequência da queda na oferta no

período, que contrariou as expectativas de expansão previstas ao final primeiro semestre do ano. Fatores como adversidades climáticas – enchentes no Rio Grande do Sul, estiagem e altas temperaturas no Sudeste e Centro-Oeste, além de queimadas em várias regiões – dificultaram a manutenção dos rebanhos, resultando na elevação dos custos de produção e na queda da produção. Ao mesmo tempo, os baixos estoques de lácteos intensificaram a disputa entre indústrias e cooperativas pelo leite cru, contribuindo para a alta dos preços.

Na avicultura de corte, a projeção aponta um crescimento de 3,62% no valor bruto da produção anual, impulsionado por um aumento de 2,13% nos preços reais e uma expansão de 1,45% na produção esperada. Durante o terceiro trimestre, os preços médios mensais do frango vivo, em termos nominais, registraram aumentos consecutivos, superando os valores observados no primeiro trimestre de 2024. Segundo a equipe Frango/Cepea, esse cenário refletiu uma oferta mais restrita do animal vivo, combinada com demandas aquecidas no mercado interno e externo, resultando na elevação dos preços.

Na avicultura de postura, projeta-se uma redução de 10,43% no valor bruto da produção anual, resultado de uma queda de 17,76% nos preços reais, na comparação entre períodos iguais, apesar do crescimento esperado de 8,92% na produção anual. No terceiro trimestre, as cotações dos ovos seguiram recuando, atingindo, em setembro, o menor patamar nominal desde janeiro de 2022 – desde março de 2024, as médias mensais têm recuado consecutivamente. Esse cenário foi impulsionado por uma oferta elevada, que superou a demanda enfraquecida no mercado interno, gerando sobras significativas de ovos nas granjas e pressionando ainda mais os preços. A situação foi agravada pela suspensão temporária das exportações para países como o Chile, um dos principais mercados para os ovos brasileiros, devido a um foco de newcastle no Rio Grande do Sul, aumentando o volume disponível no mercado doméstico. Embora os custos com insumos importantes, como milho e farelo de soja, tenham diminuído, a desvalorização dos ovos foi mais acentuada, reduzindo o poder de compra dos avicultores. Para mitigar os impactos dos estoques elevados, o setor recorreu a descontos e promoções, ao mesmo tempo em que enfrentou desafios relacionados à qualidade e à vida útil do produto, especialmente devido ao calor excessivo em algumas regiões.

Em relação à suinocultura, a projeção aponta um avanço de 3,16%, resultado de preços reais 2,47% maiores na comparação entre períodos equivalentes e de um aumento esperado de 0,67% na produção anual. Em comparação ao relatório anterior, que trazia informações até junho, observa-se um movimento de recuperação, impulsionado pela reação dos preços reais – semelhante ao que ocorreu na bovinocultura para corte. A elevação dos preços, iniciada em maio, intensificou-se em julho, levando as cotações, em termos reais, ao nível mais alto desde fevereiro de 2021, conforme destaca a equipe Suíno/Cepea. Esse cenário reflete o aumento da demanda por novos lotes de suínos para abate, que não tem sido acompanhado pela oferta de animais no peso ideal. Para os produtores, a valorização do suíno vivo representa um ganho no poder de compra frente aos principais insumos da atividade. Já para os consumidores, pode haver maior substituição por carnes concorrentes, considerando a perda de competitividade da carne suína, cuja valorização foi mais acentuada do que as das carnes bovina e avícola. Destaca-se ainda o papel das exportações nesse contexto. A crescente demanda por novos lotes por parte dos frigoríficos visa atender tanto ao mercado interno quanto, principalmente, ao mercado externo, que registrou recorde em julho em termos de volume e receita, considerando a série histórica da Secex. O crescimento das exportações tem sido impulsionado pelas maiores compras de países asiáticos, especialmente Filipinas e Japão. Desde meados de 2022, quando a China recuperou sua produção suína, prejudicada pela Peste Suína Africana em 2018, o país deixou de ser o

principal destino da carne suína brasileira. Essa nova configuração do mercado representa um esforço do setor em diversificar parceiros comerciais e fortalecer relações existentes. Nesse sentido, é importante mencionar que o Brasil e as Filipinas, que superou a China e se tornou o maior comprador de carne suína brasileira, oficializaram a equivalência de sistemas de inspeção sanitária para as principais proteínas, incluindo a suína.

SEGMENTO INDUSTRIAL: Agroindústria recua nos primeiros nove meses, pressionada por preços menores

O PIB da agroindústria avançou 1,60% no terceiro trimestre, mas acumulou uma modesta queda de 0,67% nos primeiros nove meses do ano (Tabelas 1 e 2). Na indústria de base agrícola, o crescimento de 1,85% no terceiro trimestre foi insuficiente para evitar a retração acumulada de 2,32% nos primeiros nove meses de 2024. Por outro lado, na indústria de base pecuária, o PIB cresceu 0,91% no terceiro trimestre e acumulou alta de 6,00% no mesmo período.

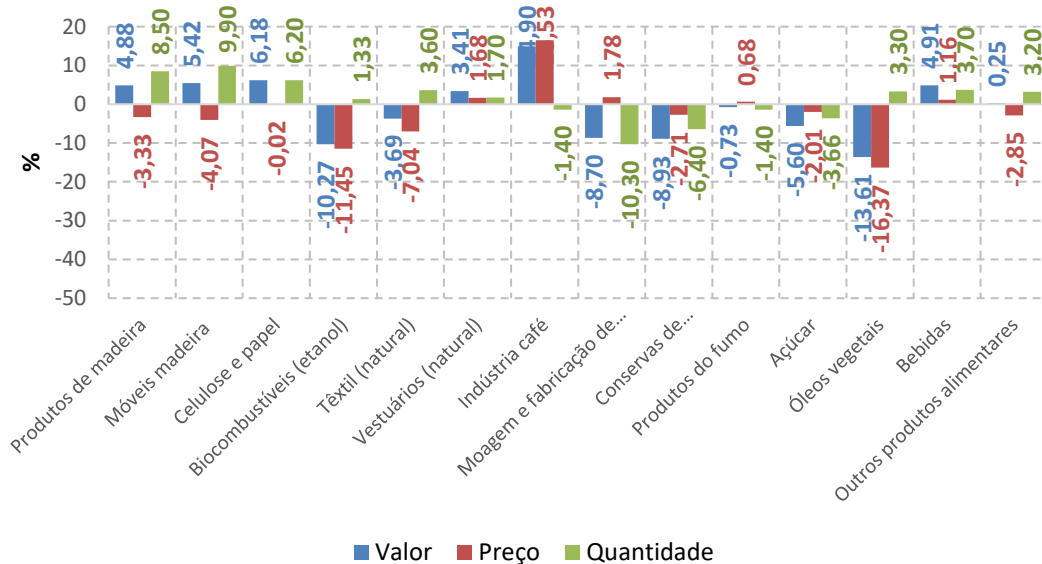
Na indústria agrícola, a queda no PIB foi atribuída à redução nos preços dos produtos agroindustriais. Em contraste, o crescimento da indústria pecuária foi impulsionado pela ampliação da produção. Especificamente, no ramo agrícola, projeta-se uma queda de 2,94% no valor bruto da produção anual, com preços médios 4,76% menores e uma expectativa de aumento de 1,91% na produção. Já no ramo pecuário, estima-se um crescimento de 4,30% no valor bruto da produção anual, apesar da queda de 5,37% nos preços, graças a um aumento de 10,22% na produção.

No acompanhamento feito pelo Cepea para a evolução do PIB, as indústrias de base agrícola para as quais se espera crescimento do valor bruto da produção em 2024 são apenas: bebidas, indústria do café, celulose e papel, vestuários, outros produtos alimentares e produtos e móveis de madeira. Já para as indústrias de açúcar, biocombustíveis, óleos vegetais, têxteis, produtos do fumo, moagem e fabricação de amiláceos e conservas de frutas, legumes e outros vegetais, espera-se queda de valor bruto da produção (Figura 3).

No caso do açúcar, a queda esperada de 5,60% no valor bruto da produção anual é resultado tanto da produção esperada 3,66% menor, quanto dos preços 2,01% menores na comparação entre períodos iguais. Segundo a Conab, a redução na produção de adoçante neste ciclo deve-se à menor oferta de cana-de-açúcar em relação à safra anterior. A Companhia destaca que o mix de produção nas unidades industriais continua favorecendo a fabricação de açúcar em detrimento do etanol. Essa tendência é impulsionada pela maior competitividade do açúcar brasileiro no mercado internacional, decorrente da redução na oferta de grandes produtores e exportadores globais. Quanto aos preços, a equipe Açúcar/Cepea aponta que, no primeiro trimestre, as cotações foram sustentadas pelo avanço da entressafra e pela consequente redução na oferta do cristal, especialmente dos tipos de melhor qualidade. Adicionalmente, a valorização do demerara na Bolsa de Nova York também contribuiu para impulsionar as cotações internas e fez, inclusive, com que as exportações brasileiras de açúcar recuperassem a vantagem sobre as vendas internas. No segundo trimestre, embora tenham permanecido firmes em maio, devido à restrição de oferta, os preços recuaram, resultado da maior disponibilidade de açúcar no mercado *spot* com a colheita e a moagem da cana-de-açúcar da safra 2024/25 avançando sem interrupções. Em julho e agosto, as cotações do açúcar foram pressionadas pela baixa demanda interna, com fraca movimentação no mercado *spot*, apesar da atratividade das exportações para as usinas e da oferta doméstica mais restrita. A equipe destaca que, nas últimas duas safras, muitas indústrias têm garantido o abastecimento por meio de contratos

de maior volume, reduzindo sua participação no spot. Em setembro, no entanto, as cotações retornaram aos níveis registrados em meados de abril de 2024, início oficial da safra 2024/25. Esse movimento foi impulsionado pela baixa oferta do adoçante, reflexo da queda na produtividade dos canaviais paulistas devido à estiagem e às altas temperaturas, do alto volume exportado ao longo do ano e da significativa parcela do produto já contratada pela indústria doméstica, limitando ainda mais a disponibilidade interna.

Figura 3. Agroindústrias de base agrícola: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2024/2023 com informações até setembro



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados Cepea, IBGE e Conab).

Em relação à produção de biocombustíveis, a previsão de redução de 10,27% no valor bruto da produção é resultado exclusivamente da diminuição de 11,45% nos preços reais, quando comparados os períodos de janeiro a setembro de 2023 e 2024, visto que se esperada crescimento de 1,33% na produção anual. De acordo com a Conab, a menor disponibilidade de matéria-prima e a menor competitividade do etanol em relação ao açúcar devem resultar em uma redução no volume total de etanol produzido a partir da cana-de-açúcar. No entanto, projeta-se um aumento na produção de etanol de milho. De acordo com a equipe Etanol/Cepea, os preços dos etanóis aumentaram no primeiro trimestre de 2024, impulsionados pela demanda aquecida devido à boa vantagem competitiva do biocombustível nas bombas. No segundo trimestre, a menor oferta, o aquecimento da demanda por parte de distribuidoras e a postura firme de vendedores mantiveram as cotações em alta. Além disso, agentes de usinas estiveram atentos à atratividade das vendas de açúcar ao mercado externo, influenciadas, por sua vez, pela forte desvalorização do Real frente ao dólar. A equipe ainda ressalta que a procura na ponta varejista, sobretudo do estado de São Paulo, se mantém firme, sustentada pelo cenário vantajoso do biocombustível frente à gasolina. Nas bombas, a paridade média entre os preços do hidratado e da gasolina C segue na casa dos 64%, percentual bem atrativo para que o consumidor opte pelo biocombustível. No terceiro trimestre, os preços do etanol apresentaram oscilações. Em julho, o ritmo de compras foi lento até meados do mês devido à redução no fluxo de veículos durante as férias escolares, mas o etanol hidratado se valorizou no final do mês com a

retomada das aquisições pelas distribuidoras para abastecimento após o recesso. Em agosto, os preços dos etanóis hidratado e anidro enfraqueceram no estado de São Paulo, apesar da demanda firme, devido ao aumento na oferta no mercado spot. Em setembro, os preços foram sustentados pela vantagem competitiva do etanol em relação à gasolina C nos principais estados consumidores.

Para a indústria de óleos vegetais, a redução do valor bruto da produção esperada (-13,61%) reflete as quedas nos preços reais (-16,37%) na comparação entre janeiro a setembro de 2023 e de 2024, uma vez que se projeta expansão da produção anual (3,30%). Segundo a equipe Soja/Cepea, apesar de os preços terem seguido tendência de queda nos dois primeiros meses do ano, o aumento das negociações e a valorização do prêmio de exportação evitaram uma retração mais acentuada. Em março, as cotações foram impulsionadas pela maior demanda doméstica, sobretudo por parte de indústrias do setor alimentício. Segundo a equipe do Cepea, os representantes dessas fábricas demonstraram interesse em adquirir volumes para o médio prazo, atentos às previsões de crescimento na produção de biodiesel no Brasil. No segundo trimestre, os preços avançaram devido às maiores demandas interna e externa. Alguns setores da Argentina (maior exportadora mundial de farelo e de óleo de soja) entraram em greve em maio, deslocando importadores para o Brasil (segundo maior abastecedor global desses produtos), o que acirrou ainda mais a disputa entre consumidores domésticos e estrangeiros. Adicionalmente, demandantes globais de óleo de soja estiveram em alerta, visto que o cenário climático no Rio Grande do Sul era bastante preocupante. No terceiro trimestre, os preços e prêmios de exportação do óleo de soja no Brasil registraram movimento de alta. Em julho, a valorização foi impulsionada pela maior demanda, principalmente de indústrias domésticas de biodiesel, que reduziu o excedente exportável. Em agosto, as cotações seguiram em alta, sustentadas pela firme demanda interna, tanto de indústrias alimentícias quanto de biodiesel, e pela maior disputa entre compradores domésticos e estrangeiros, intensificada pela greve de esmagadoras na Argentina. Em setembro, os preços continuaram subindo devido à baixa disponibilidade do coproduto para embarques imediatos, com a maior parte da oferta nacional absorvida pelo mercado interno.

A Tabela 5 apresenta as dinâmicas observadas para as atividades que compõem o segmento agroindustrial de base pecuária. Dentre as atividades, apenas a indústria de laticínios apresentou projeção de queda do valor bruto da produção para este ano.

Tabela 5. Agroindústrias de base pecuária: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2023/2022 com informações até setembro

	Couro e calçados	Abate e preparação carnes e pescado	Laticínios
Valor	4,28	5,42	-0,20
Preço	-0,66	-6,21	-0,50
Quantidade	4,96	12,96	0,30

Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados Cepea e IBGE).

Na indústria de abate e preparação de carnes e pescado, projeta-se um crescimento de 5,42% no valor bruto da produção anual, impulsionado por um aumento esperado de 12,96% na produção, apesar da redução de 6,21% nos preços reais no período de janeiro a

setembro de 2024 frente ao mesmo período de 2023. No caso da carne bovina, o consumo cresceu ao longo de 2024, favorecido pela expansão da renda da população, pelo aumento da oferta de animais no campo e, conseqüentemente, do volume de carne disponível, bem como pela queda nos preços dos cortes. Conforme a equipe Boi/Cepea, mesmo com a elevação significativa das cotações do animal vivo, especialmente em setembro, foi possível repassar os preços aos varejistas, que mantiveram o escoamento eficiente do volume adquirido. Além disso, o aumento da produção abasteceu também o mercado externo, registrando recordes de exportação, com a China consolidando-se como o principal destino, responsável por quase metade do total exportado, seguida por países árabes, Estados Unidos e Chile. Quanto à carne de frango, a elevação de preços no terceiro trimestre foi motivada pela alta demanda pela proteína e pela oferta doméstica enxuta, resultado do forte ritmo das exportações. Já na carne suína, observou-se uma recuperação nos preços devido à oferta limitada de animais em peso ideal para abate e à procura aquecida por novos lotes, tanto para atender o mercado interno quanto para atender à crescente demanda externa.

Para a indústria de laticínios, a projeção aponta ligeira queda de 0,20% no valor bruto da produção anual, resultado da retração de 0,50% nos preços reais, na comparação entre períodos equivalentes. Para a produção anual, espera-se crescimento de 0,30%. Apesar da projeção de queda, relativamente ao relatório anterior, com dados até junho, verificou-se a reação do resultado da indústria, o que se deveu à elevação dos preços reais ao longo do terceiro trimestre. Em julho, especificamente, os preços dos lácteos caíram devido à demanda moderadamente fraca e à dificuldade das indústrias em repassar o aumento no custo da matéria-prima aos canais de distribuição. Contudo, a partir de agosto, a oferta restrita de leite no campo, causada pelo clima quente e seco, aliada à disputa pela matéria-prima entre indústrias e cooperativas, resultou em uma redução significativa dos estoques de lácteos e da disponibilidade de laticínios no mercado brasileiro entre agosto e setembro – situação que foi intensificada pela queda nas importações no período. Esse cenário, somado ao consumo relativamente estável, levou à elevação dos preços ao consumidor final.

SEGMENTO DE SERVIÇOS: Apesar do avanço registrado no terceiro trimestre, os agrosserviços acumulam retração no ano.

No terceiro trimestre de 2024, o PIB dos serviços do agronegócio brasileiro cresceu 1,22%, impulsionado por expansões de 1,64% nos serviços agropecuários agrícolas e 0,45% nos serviços agropecuários pecuários. No acumulado do ano, o segmento registrou uma retração de 1,74%, com os serviços agrícolas apresentando queda de 3,99%, enquanto os serviços pecuários avançaram 4,15%.

Mesmo enfrentando desafios climáticos que afetaram as safras, o agronegócio brasileiro manteve sua relevância, contribuindo significativamente para o aumento no volume de fretes ao longo do período. A safra 2023/2024 de grãos registrou uma redução na produção de soja e milho, impactando os fluxos de exportação, mas ainda assim movimentando grandes volumes de frete em todo o país, conforme aponta o Boletim Logístico da Conab. Além disso, os produtores brasileiros continuaram a importar fertilizantes, mesmo diante da taxa de câmbio elevada, da queda nos preços das *commodities* e da seca na Região Norte, que afetou os níveis dos rios e comprometeu a logística nos portos do Arco Norte. No setor pecuário, o aumento na oferta de animais, especialmente na bovinocultura, e os sucessivos recordes de exportações ajudaram a sustentar a demanda por

agrosserviços, mitigando os efeitos da queda nos preços. Uma dinâmica semelhante foi observada na agroindústria.

Para além dos serviços de frete, o desempenho do campo influencia a demanda por agrosserviços de armazenamento, serviços bancários, contábeis e administrativos, dentre outros que, em conjunto, possibilitam a chegada dos produtos agropecuários ao consumidor final.

CONCLUSÕES

Após dois trimestres consecutivos de retração, o PIB apresentou recuperação no terceiro trimestre, com um avanço de 1,26%. No entanto, no acumulado do ano, registra uma queda de 2,49%, reflexo da retração dos preços reais, que tem se observado desde 2023. No mesmo período, sob a perspectiva dos ramos do agronegócio, o PIB agrícola cresceu 1,27% e o pecuário 1,31%. Apesar disso, no ano, o recuo de 4,04% no ramo agrícola determinou o desempenho geral do setor, compensada parcialmente pelo crescimento de 1,60% no ramo pecuário. Considerando o desempenho acumulado até o momento, o PIB do agronegócio deverá representar cerca de 22,0% da economia brasileira em 2024, abaixo dos 23,5% registrados em 2023.

O desempenho do agronegócio foi impactado, principalmente, pela queda nos preços e pela redução da produção de importantes produtos do setor, com destaque para a agricultura "dentro da porteira". Por outro lado, o ramo pecuário conseguiu atenuar parte desse impacto negativo, impulsionado pelo bom desempenho dos segmentos agroindustriais, de agrosserviços e de insumos.

Sob a ótica dos diferentes segmentos do setor, o PIB dos insumos registrou crescimento de 0,83% no terceiro trimestre, embora acumule uma queda de 7,24% nos primeiros nove meses do ano. O crescimento no trimestre foi impulsionado pelo comportamento positivo da produção anual esperada das indústrias de insumos de base pecuária, que garantiu a expansão do valor bruto de produção dessas atividades. Em contrapartida, nas indústrias de base agrícola, as projeções apontam para retração, resultado principalmente da queda nos preços reais.

O PIB do segmento primário do agronegócio cresceu 1,14% no terceiro trimestre, impulsionado principalmente pelo avanço de 3,02% no ramo pecuário, enquanto o ramo agrícola registrou um crescimento mais modesto, de 0,22%. No acumulado do ano, entretanto, o segmento apresenta uma retração de 4,32%, com quedas de 4,44% no ramo agrícola e de 4,07% no ramo pecuário. Apesar da redução nos custos de insumos, o desempenho da agricultura foi prejudicado pela desvalorização de importantes commodities, como algodão, milho, soja, trigo e cana-de-açúcar, além das previsões de retração na produção anual, especialmente de milho e soja. No ramo pecuário, o crescimento foi sustentado pelo bom desempenho da bovinocultura de corte, avicultura de corte e suinocultura.

O PIB do segmento agroindustrial cresceu 1,60% no terceiro trimestre, impulsionado pelo avanço de 1,85% nas agroindústrias de base agrícola e de 0,91% nas de base pecuária. No acumulado do ano, entretanto, o segmento registra uma queda de 0,67%, reflexo da retração de 2,32% nas agroindústrias de base agrícola, enquanto as agroindústrias de base pecuária acumularam um expressivo crescimento de 6,00%. No ramo agrícola, a redução do PIB foi atribuída principalmente à queda nos preços, apesar do aumento na produção industrial e da redução nos custos de insumos. Já no ramo pecuário, mesmo com a pressão

da queda nos preços, o PIB foi sustentado pelo crescimento projetado na produção de carnes, pescados, bem como da indústria de couro e calçados.

Por fim, o segmento de agrosserviços registrou um crescimento de 1,22% no PIB no terceiro trimestre, embora acumule uma retração de 1,74% no ano. No ramo agrícola, os agrosserviços tiveram um avanço de 1,64% no trimestre e um crescimento expressivo de 3,99% no acumulado do ano. Já no ramo pecuário, o crescimento foi mais modesto, com 0,45% no trimestre, mas acumulando um avanço significativo de 4,15% no ano. Esses resultados refletem, de maneira geral, as dinâmicas observadas nos demais segmentos do agronegócio.

ANEXO I – EVOLUÇÃO MENSAL DO PIB DO AGRONEGÓCIO

A1) PIB DO AGRONEGÓCIO: TAXAS DE VARIAÇÃO MENSAL E ACUMULADO DO PERÍODO (EM %)

A1) PIB DO AGRONEGÓCIO: TAXAS DE VARIAÇÃO MENSAL E ACUMULADO DO PERÍODO (EM %)

AGRONEGÓCIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
set/23	-2,28	-0,93	-0,13	-0,36	-0,58
out/23	-2,33	-1,49	-0,54	-0,69	-0,98
nov/23	-2,27	-0,58	-0,64	-0,60	-0,71
dez/23	-2,50	1,07	-0,97	-0,51	-0,33
jan/24	-1,63	-0,90	-0,36	-0,37	-0,58
fev/24	-1,43	-1,46	-0,14	-0,33	-0,64
mar/24	-2,46	-1,58	-1,13	-1,20	-1,36
abr/24	-1,05	-0,97	-0,02	-0,35	-0,47
mai/24	-1,81	-0,47	-0,56	-0,56	-0,61
jun/24	0,10	-0,13	-0,05	-0,15	-0,11
jul/24	0,91	-0,24	0,41	0,11	0,13
ago/24	-0,14	0,38	0,26	0,14	0,21
set/24	0,06	1,00	0,93	0,97	0,92
Acumulado (jan-set)	-7,24	-4,32	-0,67	-1,74	-2,49
RAMO AGRÍCOLA					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
set/23	-3,02	0,49	-0,22	-0,40	-0,32
out/23	-2,57	-0,87	-0,97	-1,23	-1,18
nov/23	-2,84	0,36	-1,04	-1,05	-0,84
dez/23	-3,61	2,95	-1,31	-0,75	-0,20
jan/24	-2,39	-0,96	-0,89	-1,19	-1,12
fev/24	-2,13	-1,74	-0,67	-1,21	-1,24
mar/24	-3,65	-1,56	-1,61	-1,94	-1,85
abr/24	-1,13	-0,97	-0,27	-0,70	-0,68
mai/24	-2,57	0,16	-0,74	-0,71	-0,60
jun/24	0,31	0,34	0,02	0,08	0,13
jul/24	0,71	-0,28	0,49	0,30	0,23
ago/24	-0,27	0,03	0,48	0,45	0,31
set/24	-0,01	0,47	0,88	0,88	0,73
Acumulado (jan-set)	-10,69	-4,44	-2,32	-3,99	-4,04
RAMO PECUÁRIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
set/23	-0,17	-3,46	0,27	-0,27	-1,30
out/23	-1,55	-2,51	1,31	0,82	-0,41
nov/23	-0,62	-2,21	1,08	0,61	-0,37
dez/23	0,59	-2,38	0,45	0,16	-0,66
jan/24	0,06	-0,79	1,56	1,50	0,73
fev/24	0,15	-0,91	1,75	1,63	0,80
mar/24	0,03	-1,62	0,58	0,50	-0,16
abr/24	-0,65	-0,96	0,98	0,60	0,10
mai/24	-0,10	-1,73	0,22	-0,07	-0,54
jun/24	-0,13	-1,08	-0,13	-0,51	-0,63
jul/24	1,44	-0,17	0,20	-0,23	-0,07
ago/24	0,25	1,09	-0,44	-0,54	-0,02
set/24	0,29	2,08	1,16	1,23	1,40
Acumulado (jan-set)	1,32	-4,07	6,00	4,15	1,60

FONTE: CEPEA/USP E CNA.

A2) PIB DO AGRONEGÓCIO: PARTICIPAÇÕES DOS SEGMENTOS (EM %)

AGRONEGÓCIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
set/23	5,6%	26,8%	23,8%	43,8%	100,0%
out/23	5,7%	26,6%	23,9%	43,8%	100,0%
nov/23	5,7%	26,7%	23,9%	43,8%	100,0%
dez/23	5,7%	27,1%	23,7%	43,6%	100,0%
jan/24	5,0%	25,9%	24,3%	44,8%	100,0%
fev/24	5,1%	25,2%	24,7%	45,0%	100,0%
mar/24	5,0%	25,5%	24,6%	44,8%	100,0%
abr/24	5,1%	25,5%	24,7%	44,7%	100,0%
mai/24	5,1%	25,9%	24,5%	44,6%	100,0%
jun/24	5,2%	26,0%	24,4%	44,4%	100,0%
jul/24	5,3%	26,0%	24,4%	44,3%	100,0%
ago/24	5,3%	26,2%	24,4%	44,1%	100,0%
set/24	5,3%	26,3%	24,3%	44,1%	100,0%
RAMO AGRÍCOLA					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
set/23	5,5%	24,2%	26,4%	43,9%	100,0%
out/23	5,6%	24,1%	26,5%	43,8%	100,0%
nov/23	5,7%	24,2%	26,4%	43,7%	100,0%
dez/23	5,6%	24,9%	26,1%	43,5%	100,0%
jan/24	4,8%	25,1%	26,9%	43,2%	100,0%
fev/24	4,9%	24,1%	27,5%	43,5%	100,0%
mar/24	4,8%	24,6%	27,3%	43,3%	100,0%
abr/24	4,9%	24,4%	27,4%	43,4%	100,0%
mai/24	4,8%	24,9%	27,0%	43,3%	100,0%
jun/24	4,9%	25,0%	26,8%	43,3%	100,0%
jul/24	5,1%	24,7%	26,9%	43,4%	100,0%
ago/24	5,1%	24,6%	26,8%	43,5%	100,0%
set/24	5,1%	24,5%	26,8%	43,6%	100,0%
RAMO PECUÁRIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
set/23	5,9%	33,9%	16,8%	43,4%	100,0%
out/23	5,8%	33,4%	17,0%	43,8%	100,0%
nov/23	5,8%	33,1%	17,1%	44,0%	100,0%
dez/23	5,9%	32,9%	17,1%	44,0%	100,0%
jan/24	5,4%	27,6%	18,8%	48,1%	100,0%
fev/24	5,4%	27,3%	18,9%	48,3%	100,0%
mar/24	5,6%	27,5%	18,8%	48,1%	100,0%
abr/24	5,6%	27,9%	18,9%	47,7%	100,0%
mai/24	5,7%	28,0%	18,8%	47,5%	100,0%
jun/24	5,8%	28,6%	18,7%	47,0%	100,0%
jul/24	5,9%	29,1%	18,5%	46,4%	100,0%
ago/24	5,9%	30,1%	18,2%	45,7%	100,0%
set/24	5,9%	30,7%	18,0%	45,4%	100,0%

FONTE: CEPEA/USP E CNA.

A3) PIB-VOLUME DO AGRONEGÓCIO: TAXA ANUAL (EM %)*

PIB Volume do Agronegócio*					
	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	-1,87	-3,19	5,70	4,57	2,38
Ramo Agrícola	-4,04	-9,85	2,85	-0,58	-2,16
Ramo Pecuário	3,64	10,01	17,38	18,18	14,48

Fontes: Cepea/USP e CNA. *dados de setembro.

- Nota técnica: O PIB Volume do Agronegócio trata-se do PIB do agronegócio calculado pelo critério de preços constantes. Resulta, portanto, a variação apenas do volume do PIB. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

A4) PIB DO AGRONEGÓCIO - METODOLOGIA

O Relatório PIB do Agronegócio Brasileiro é uma publicação atualmente trimestral resultante da parceria entre o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da Esalq/USP, e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária, produção agropecuária primária, agroindústria (processamento) e agrosserviços – como na Figura que segue. A análise desse conjunto de segmentos é feita para o ramo agrícola (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.



Pelo critério metodológico do Cepea/Esalq-USP, o PIB do agronegócio é medido pela ótica do produto, ou seja, pelo Valor Adicionado (VA) total deste setor na economia. Ademais, avalia-se o VA a preços de mercado (consideram-se os impostos indiretos menos subsídios relacionados aos produtos). O PIB do agronegócio brasileiro refere-se, portanto, ao produto gerado de forma sistêmica na produção de insumos para a agropecuária, na produção primária e se estendendo por todas as demais atividades que processam e distribuem o produto ao destino final. A renda, por sua vez, se destina à remuneração dos fatores de produção (terra, capital e trabalho).

Após estimado o valor do PIB do agronegócio no ano-base, que desde janeiro/17 refere-se ao ano de 2010, parte-se para evolução deste valor de modo a se gerar uma série histórica, por meio de um amplo conjunto de indicadores de preços e produção de instituições de pesquisa e governamentais. Seja para a estimação anual do valor do PIB, ou para as reestimativas trimestrais, consideram-se informações a respeito da evolução do Valor Bruto da Produção (VBP) e do Consumo Intermediário (CI) dos segmentos do agronegócio. Pela evolução conjunta do VBP e do CI, estima-se o crescimento do valor adicionado pelo setor.

Com base nos procedimentos mencionados e processos adicionais realizados pelo Cepea, os cálculos do PIB do agronegócio resultam em dois indicadores principais, que retratam o comportamento do setor por diferentes óticas:

- **PIB-renda Agronegócio** (PIB analisado pelo Cepea e pela CNA em seus relatórios): reflete a renda real do setor, sendo consideradas no cálculo variações de volume e de preços reais, sendo estes deflacionados pelo deflator implícito do PIB nacional.

- **PIB-volume Agronegócio:** PIB do agronegócio pelo critério de preços constantes. Resulta daí a variação apenas do volume do PIB. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

Trimestralmente, o foco de análise é o **PIB-renda Agronegócio**, que reflete a renda real do setor. **Por conveniência textual, o PIB-renda do agronegócio é denominado apenas como PIB do Agronegócio ao longo destes relatórios.** Destaca-se que as taxas calculadas para cada período consideram igual período do ano anterior como base, exceto para as quantidades referentes às safras agrícolas, para as quais computa-se a previsão de safra para o ano (frente ao ano anterior).

Importante também destacar que cada relatório considera os dados disponíveis até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, há a possibilidade, portanto, de ocorrer alteração dos resultados, tanto no que se refere ao período corrente, como também ao que se refere a períodos e anos passados. **Recomenda-se, portanto, sempre o uso do relatório mais atualizado.**

Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil – CNA:

Bruno Barcelos Lucchi – Diretor Técnico
Maciel Aleomir da Silva – Diretor Técnico Adjunto

Núcleo Econômico

Renato Conchon – Coordenador
Elisângela Pereira Lopes – Assessora Técnica
Isabel Mendes de Faria – Assessora Técnica
Guilherme Augusto Costa Rios – Assessor Técnico
Maria Angélica Echer Ferreira Feijó – Assessora Técnica

Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – CEPEA:

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Ph.D – Coordenador

Pesquisadores Macroeconomia:

Nicole Rennó Castro, Dra.
Gabriel Costeira Machado, Dr.
Felipe Miranda de Souza Almeida, Dr.
Adriana Ferreira Silva, Dra.
Arlei Luiz Fachinello, Dr.